

[Kgaleria]

Biografia_Márcio Vilela

Márcio Vilela nasceu em 1978 no Brasil. Depois de concluir o ensino secundário ingressa no curso de medicina veterinária, onde após três anos adquire sua primeira câmara reflex. Este incidente faz com que desista do curso e muda-se para Portugal para ingressar no curso superior de fotografia, no IPT em Tomar, onde desenvolve especial aptidão no campo da fotografia digital e inicia seu percurso como autor. Concluído o curso trabalha como freelancer em pós-produção de imagem e realiza alguns workshops de fotografia digital. No início de 2007 torna-se sócio fundador da empresa Cinzento Neutro, especializada em pósprodução digital e impressão fine Art. É professor de fotografia digital no Ar.Co e no Atelier de Lisboa.

Medo e Vontade

No instante em que o obturador é disparado e a cortina se fecha, não há mais imagem para o olho do fotógrafo. Este é, para mim, o maior mistério da arte fotográfica. Por mais preciso que seja o artista, mesmo que passe horas a montar a cena, o quadro, etc., a imagem surge da cegueira, é uma espécie de fantasma. A revelação do negativo também é feita na escuridão, e o conceito de câmara escura aprofunda-se ainda mais neste instante. Fotografias são fantasmas não só pela “cegueira” do artista no acto fotográfico, mas também por mostrar uma fissura no tempo que não mais existe.

Walter Benjamin salienta que *"apesar de toda a perícia do fotógrafo e de tudo o que existe de planeado em seu comportamento, o observador sente a necessidade irresistível de procurar nessa imagem a pequena centelha do acaso"*. Em *Night Shot*, de Márcio Vilela, essa centelha do acaso, que o observador busca, não está na imagem propriamente dita, mas sim, na sua periferia, no meio envolvente.

Estas imagens contrastam com o mistério do que o fotógrafo decide “não revelar”. O entorno vazio, negro e misterioso, aborda questões técnicas do que é a fotografia em si. Como refere o autor: *"Esta série relaciona-se com o próprio conceito da fotografia, a luz é aqui utilizada para determinar o que o espectador pode ou não ver na imagem"*.

A obra, portanto, não é hermética, não “acaba ali”, cabe ao espectador decifra-la, buscar o mistério do que esta na periferia do enquadramento. A imagem não se esgota em si, mas sim, abre possibilidades a todos nós de buscar no vazio misterioso da escuridão, o que há por traz “daquilo”.

Leonardo da Vinci, certa vez ao entrar numa caverna, disse ter dois sentimentos arrebatadores e simultâneos, “medo” do que escondia a escuridão, e “vontade” de ver o que ali estava. Nesta série o sentimento é análogo, sentimos medo pelo entorno sombrio e misterioso, tentamos desvendar o que há por traz do enquadramento, mas, ao mesmo tempo, nosso olhar é seduzido pela beleza da imagem.

Bruno Vilela, Artista Visual